

CADERNOS NEGROS: POÉTICAS DA RESISTÊNCIA E A TEMÁTICA DOS CABELOS CRESPOS EM PIXAIM E AFAGOS

Bárbara Maria de Jesus Oliveira¹

Maria Anória de Jesus Oliveira²

Resumo: Os *Cadernos Negros* mantêm, desde 1978, publicações ininterruptas anuais, autofinanciadas pelos próprios escritores, os quais são responsáveis, também, pela divulgação dos mesmos. Tais textos trazem à tona as questões sociais e existenciais que afligem os personagens negros. A questão que se insurge é: até onde prevalece, de fato, a anunciada afirmação? Para responder a essa questão analisaremos os contos da autoria de Cristiane Sobral e Elizandra Souza. Partindo da pesquisa bibliográfica, nos pautaremos nos estudos de Florentina Souza (2008), Cuti (2010), Nilma Lino Gomes (2008), Stuart Hall (2003) e Homi Bhabha (2005), Neuza Santos Souza (1983), entre outros. Esperamos, por meio da presente pesquisa, ampliar as reflexões a respeito dessa literatura, ao contribuir para visibilizá-la mais, visto que se trata de produções marginalizadas nos espaços acadêmicos e pouco conhecidas na Educação Básica.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. *Cadernos Negros*. Contos. Personagens.

CADERNOS NEGROS: POETICS OF RESISTENCE AND THE THEME OF FRIZZY HAIR IN PIXAIM E AFAGOS

Abstract: The *Cadernos Negros* books maintain, since 1978, uninterrupted annual publications, self-financed by the writers themselves, who are responsible for their dissemination. Such texts shed light to both social and existential questions that plague black characters. These are productions aimed at black identity affirmation, as announced in the presentations published annually since Book. The question is who protested: where prevails, in fact, the announced statement? To answer this question we will analyze written by Cristiane Sobral, and Elizandra Souza. We will use Florentina Souza (2008), Cuti (2010), Nilma Lino Gomes (2008), Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (2005), and Neuza Santos Souza (1983) studies as literature review. Hopefully, through this research, expand the reflections on this literature, it makes visible to contribute more, since they treat the marginalized in academic spaces and little-known productions in Basic Education.

Keywords: Brazilian Literature. *Cadernos Negros* books. Tales. Characters.

¹ Pesquisadora da literatura Negra (afro-brasileira), mestra em Crítica Cultural (Pós-Graduação em Crítica Cultural/Pós-Crítica-UNEB), membro do grupo de Pesquisa Iraci Gama (Pós-Crítica/UNEB). E-mail: barbara.kind@hot mail.com.

² Professora da Universidade do Estado da Bahia, atua na Graduação (Letras) e no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural/UNEB. Doutora em Letras (UFPB), Vice-Coordenadora do Grupo de Pesquisa Iraci Gama e da Linha de Pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores/as (Pós-Crítica/UNEB). Autora do livro: *Áfricas e diásporas na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique*, pela editora da UNEB (EDUNEB).e-mail: anoria.oliveira@hotmail.com.

Introdução

Ao percorrermos as páginas da primeira edição dos *Cadernos Negros*³, através do qual se visa à afirmação de negras raízes realçando-se, entre estas, a relação entre África e diáspora nos deparamos, logo de início, com um questionamento instigante: “E nós, brasileiros, de origem africana, como estamos?”. E, a resposta: “Estamos no limiar de novo tempo. Tempo de África vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim à imitação”.

Imitação, a nosso ver, aos padrões estéticos eurocêntricos, os quais tem sido impressos ostensivamente em diversas produções culturais, como amarras ocidentais. Assim, a identificação que nos resta tende a ser única e, exclusivamente, pautada nessas amarras, ao passo que as demais, de ascendência africana e indígena, por exemplo, costumam ser preteridas, quando não desqualificadas no imaginário social.

Nessa digressão inicial, outra se insurge, levando-nos a viagens de outrora, quando uma criança tentava afirmar as negras raízes. Isto é, as madeixas crespas. Seu propósito não era a “imitação”, mas, sim, a libertação. Aquela menina, muito se aproxima de uma das personagens a ser enfocada mais adiante e, por isso, nesse nosso preâmbulo, consideramos relevante compartilhar algumas das suas travessias.

Partimos, portanto, de um fato real, ocorrido anos atrás para, depois, adentrar a seara literária e as tantas divagações, reflexões e, por que não dizer, interrogações? Sigamos, assim, aquelas travessias da menina e, através delas, quiçá! Outras mais se insurjam nas fendas do caminhar.

Chamaremos, aqui, de *Iansã* menina⁴, aquela pequena que residia com a família em uma pequena cidade do interior da Bahia. A *Iansã*zinha negra tinha cabelos crespos e, em seu ir e vir corriqueiro tentava resistir às investidas da mãe, da irmã mais velha e dos colegas da escola, ante os embates diários para preservar a vasta madeixa. Sua trajetória, de certa forma, se aproxima da protagonista do conto *Pixaim*, de autoria da escritora Cristiane Sobral (2011) e, talvez, da história de outras crianças, cujas negras raízes, os cabelos crespos, são violentadas

³ *Cadernos Negros*, volume n. 1 (1978, p. 2).

⁴ Uma das autoras do presente texto, cujo nome remete-se à uma das deusas dos mitos afro-brasileiros, a deusa ventos, em sua potencia ancestral, sua saudação: *eparrei Oiá!* A outra autora, travessias distintas, não vem ao caso, aqui.

desde a tenra idade pela mãe ou por outros familiares e, até, vizinhas, como acontece no conto.

Embora lutando para manter a cabeleira natural, a menina se sentia feia em relação às colegas por conta da rejeição e dos consequentes embates no espaço escolar. Sua mãe, preocupada com a trabalhadeira diante de tais madeixas, resolveu cortar os cabelos da cria, o que a aproximou de uma aparência masculina. E, a consequência: mais zombarias por parte dos colegas e a atribuição de apelidos depreciativos. A despeito disso, A Iansãzinha teve que permanecer com os cabelos curtos dos sete aos treze anos quando, então, conseguiu mudar a estrutura capilar. A saída: os alisamentos de todos os tipos.

Primeiro, a conhecida chapinha, ou seja, um ferro quente aquecido nos fogões pela mãe, que, sempre chegando cansada após as lidas diárias, sentava-se ao lado do fogão e enrolava os seus cabelos para alisá-los com o ferro. Assim, a criança foi aprendendo a se enquadrar. Logo, recorreu aos produtos químicos. Alguns deles: *henne*, *wella chik*, *wellaton* e muitas outras marcas, cujo propósito comum era “amansar” os rebeldes cachinhos. O efeito era imediato. Também os elogios e o riso sereno da mãe em aprovação ao resultado obtido. Enfim, lá se foram as trabalhadeiras de outrora por parte da mãe. Em se tratando da pequena, a sensação era ainda delicada, pois, apesar de manter os cabelos alisados, não se sentia bonita, de fato.

Com o passar do tempo, da face daquela menina, uma jovem se insurgiu afirmando as lindas madeixas trançadas ou, simplesmente, sem adereços, apontando para o horizonte embelezado, ainda mais, com tranças nagôs. A jovem, portanto, libertou-se e, metaforicamente, estilhaçou as máscaras brancas ao assumir os cabelos crespos. Houve, assim, o *tornar-se negra*, se o compreendermos sob a ótica de Neusa Souza (1983).

Ao revisitar os desvãos da memória, percebemos a relevância dos cabelos enquanto traços culturais, através dos quais é possível valorizar ou desqualificar fenótipos que se aproximam e/ou destoam dos padrões reconhecidos como belos socialmente. A história da Iansãzinha é um exemplo disso.

Dos resquícios da memória à seara literária, esse rico manancial de leituras e representações simbólicas, outras trilhas se insurgem. Chegamos, assim, ao cerne de reflexões: as duas narrativas contemporâneas publicadas nos *Cadernos Negros* (contos). São eles: *Pixaim* (2011) de Cristiane Sobral e *Afagos*, (2007) de Elizandra.

Partimos, aqui, da hipótese de que os referidos contos afirmam as identidades negras⁵, à medida que realçam os fenótipos dos personagens, a exemplo dos cabelos crespos e da cor da tez (negra). É importante frisar que tais textos também abordam outras situações de discriminação racial, seja por meio das personagens, seja recorrendo-se à poesia. Há, contudo, protagonistas que rejeitam os respectivos fenótipos. Mas, vejamos algumas dessas poéticas das resistências tomando como objeto de reflexões os dois aludidos contos. Antes, porém, um pouco da trajetória dos *Cadernos Negros*.

Cadernos Negros: poéticas da resistência

Os *Cadernos Negros (CN)* foram lançados em 1978 e, desde então, sucessivas publicações têm ocorrido regularmente, a cada ano, alternando-se entre poesia e prosa, agregando-se autores/as de diversos estados (CUTI, 2010). Tais textos abrangem temáticas sobre as vivências culturais do segmento negro sem, para isso, restringi-los às mazelas sociais tão disseminadas na maioria das obras canônicas. Trata-se de produções atinentes às relações étnico-raciais, de gênero, de religião, entre outras.

Dentre as temáticas abordadas citamos, por exemplo, as relações amorosas, familiares, os problemas socioeconômicos, a violência policial, o racismo, a autoestima, a negação e/ou a afirmação identitária. Uma das propostas dos autores é a valorização identitária, conforme se costuma ressaltar nas apresentações das edições.

Há, ainda, a produção crítica de alguns (e algumas) autores (as) dos referidos *Cadernos* problematizando-se, contudo, o mercado editorial, ao colocar em cheque o monopólio de um viés hegemônico e excludente das diferenças. Apontam-se certos impasses nesse campo mercadológico. Deixam-se entrever, sob um olhar crítico, os desafios (im) postos e as formas de resistência para manter as respectivas produções periodicamente.

Podemos atestar a resistência nos anos 70 reportando-nos às reflexões de uma escritora dos CN, Miriam Alves (1987, p. 76), quando ela salienta que

⁵ Identidades, aqui, entendidas sob a ótica de Stuart Hall (2003), prescindindo-se a ideia de algo fixo, unívoco, acabado, imutável, visto que estas resultam de um processo complexo, mediante as relações sociais, passíveis às mutações e as consequentes re/construções.

Os anos 70, então presenciaram a explosão da comunidade negra, representada por entidades culturais e políticas, pelo ressurgimento da imprensa negra e pela proliferação de escritores financiando seus próprios livros. Está década assistiu também ao início do que se aprendeu a chamar de processo de abertura, que deu condições para que as vozes negras se levantassem contra a discriminação racial nacional e internacional; vozes que, durante todo o tempo, com certeza, estiveram se manifestando de diversas formas, sufocadas, sem condições de aflorar.

A dificuldade de produção, publicação e divulgação dos CN⁶ estão amplamente discutidas pelos autores em *Criação crioula, nu elefante branco* (1986) e em *Reflexões: sobre a literatura afro-brasileira* (1985). Miriam Alves (1987, p. 147), por exemplo, ressalta o papel social dos *Cadernos Negros* frente à “[...] luta por espaço na cultura brasileira”.

Ao fazer ecoar as vozes das diferenças no mercado editorial, os *Cadernos Negros*, conforme J. Abílio Ferreira⁷, deixam legados importantes para o fortalecimento da autoestima dos autores, além de potencializar o fazer literário. Ferreira pontua ainda que “trata de refletir o leitor, que não se enxerga na maior parte da produção de grande mercado, discutindo o sentimento que a nossa sociedade nega e mantém submerso — e neste caso ‘Cadernos’ funciona como instrumento eficaz de conscientização [...]”.

Apesar do “filtro” editorial, os *CN* vêm sendo publicados ininterruptamente desde 1987, contado com a verba de seus escritores, os quais promovem a exposição em eventos, a divulgação e a venda das respectivas obras. Portanto, apesar da exclusão nas grandes livrarias e editoras, os *Cadernos Negros* permanecem resistindo à discriminação racial, aos discursos de má qualidade e de subliteratura.

Trata-se, a nosso ver, de textos que se afirmam enquanto ato político-literário que o escritor, cidadão insatisfeito com a forma de representação literária legada ao povo negro pode fazer. Esse ato político é o de escrever e se inscrever poética e criticamente. Os dois contos: *Pixaim e Afagos* são exemplos desse ato poético e crítico através da linguagem literária, por desvelar o delicado universo de duas crianças diante dos embates familiares e sociais, como será possível observar, a seguir.

⁶ Leia-se: *Cadernos Negros*.

⁷ Veja-se o referido texto na íntegra nos *Cadernos Negros* n. 8 (1985, p. 10).

Cabelos crespos em Afagos e Pixaim: aflições e superações

Em *Afagos*, de Elizandra (2007), são narrados os conflitos da protagonista *Dara*, aluna de uma escola pública, ante as relações familiares e escolares. Quando menina, a pequena admirava a professora. Sob sua narração conhecemos algumas situações de discriminação racial, a começar por quem mais admirava: “Eu a achava linda com seus cabelos longos e lisos” e tentava chamar sua atenção, “mas ela não olhava nos meus olhos e me atendia com má vontade”. Uma das principais frustrações acontece na escola, mediante um constrangimento, quando a “profi” manuseou seus cabelos em sala de aula:

Meu nome significa “a mais bela” e era como eu me sentia se essa cena fosse congelada. Pela primeira vez, a profi tocou em meus cabelos com as pontas dos dedos, como se eu a espetasse. Ela soltou as minhas marias-chiquinhas, desfez minhas tranças e saiu à procura de algum inquilino. Para sua decepção e frustração, eu não tinha nenhum. Até hoje, eu não entendo por que ela só olhou o meu cabelo. Ela não podia ter feito aquilo comigo, ainda mais na frente de todos. Eu olhava para os demais alunos e eles riam. Eu ouvia as gargalhadas daquelas meninas de cabelos lisos e soltos, a profi deveria verificar os cabelos delas que estavam mais propício à proliferação de piolhos do que o meu, que sempre estava preso (ELIZANDRA, 2007, p. 76).

A personagem complementa as tristes lembranças ao salientar não ter sido “a única vez” que vivenciou “situações constrangedoras envolvendo” seus “cabelos crespos”. Nota-se, a partir dos relatos da protagonista, o quanto a escola, que deveria ser um espaço de agregação, desempenha o oposto, ao submetê-la a momentos de humilhação e discriminação racial. No caso de *Dara*, tais momentos são desencadeados por conta dos seus cabelos.

Dara, a nosso ver, pode ser associada a outras crianças que foram (ou são), submetidas a constrangimentos e exposição, por manter os cabelos crespos. Outras reminiscências são narradas, possibilitando viagens ao seu universo complexo de criança preterida no espaço escolar. E, sofrida, no ambiente familiar: a ação de pentear os cabelos e os consequentes alisamentos, aproximando-a daquela lansãzinha, inicialmente citada.

No conto também se retrata lembranças do sofrimento de *Dara*, ao ter os cabelos penteados pela mãe iniciando-se, desde então, um processo de rejeição a qualquer tipo de toque nos cabelos. Contudo, após a infância, ocorreram tentativas de ajustar-se ao padrão de beleza instituído:

O tempo passou e as marias-chiquinhas foram ficando no fundo da gaveta, dando espaço para a chapinha e os alisamentos. E eu sempre com os meus não-me-toques. Dava muito trabalho parecer o que eu não era, porém era uma tentativa. Eu não me achava bonita, me sentia a desproporção em pessoa, não me enquadrava no padrão de beleza cultuado, pela sem definição. Se tinha algo que gostava em mim, talvez fossem os olhos (ELIZANDRA, 2007, p. 78).

Os conflitos de *Dara* se insurgem posteriormente quando ela conhece *Jawari*, por quem se se apaixona, visto que o amado começa a “cutucar” as “suas feridas”. Com o decorrer do tempo, no entanto, a personagem passa por um processo de autoaceitação e, desde então, se insurge o desejo de “desvelar” a beleza negra estilhaçando, aos poucos, as máscaras brancas.

A incursão a algumas passagens do conto em questão nos levou a identificar possíveis diálogos com as reflexões realizadas por Maria Nazaré Fonseca (2006), considerando-se que “A atribuição de valores negativos a detalhes do corpo de negros e mestiços induz à formação de uma baixa autoestima responsável pela disseminação sutil da ideologia do branqueamento difundida no país”. É o caso de *Dara*, em um primeiro momento, posto que sua autoestima é abalada no espaço escolar e no ambiente familiar, quando a mãe penteava os seus cabelos, os aprisionando e, inclusive, a machucando, nesse processo doloroso de submissão. A subversão, no entanto, ocorre na adolescência.

Ao destoar do padrão brancocêntrico, significados negativos são atribuídos aos cabelos crespos, os quais costumam ser vistos socialmente como “ruins”. Por sua vez, o oposto acontece em relação aos cabelos lisos. Dessa discrepante representação resulta a elevação, conforme Fonseca (2006, p. 102 e 013), e uma espécie de “fetiche entre a maioria dos brasileiros” pelos cabelos lisos. E, acrescentaríamos, por sucessivos e, inclusive, obsessivos procedimentos para submeter os cabelos crespos às diversas formas de alisamentos. Algumas dessas, sabemos, podem ser caras às usuárias custando-lhes, inclusive, a vida, quando submetidas aos ostensivos processos de alisamentos, sem os devidos cuidados e/ou informações acerca dos mesmos.

Além de *Afagos*, brevemente focado até então, há o conto *Pixaim*, de Cristiane Sobral, através do qual se narra a história de uma garota que se debate entre o desejo de manter as madeixas crespas e a imposição da mãe, para efetivar o alisamento forçado. É através dos embates familiares e sociais que acompanhamos os conflitos, as resistências, o doloroso processo de submissão e os desdobramentos na fase adulta, por fim. Vejamos alguns dilemas narrados em *Pixaim*, a começar pela “primeira” vez que a narradora-personagem ouviu a associação aos cabelos crespos enquanto algo “ruim”:

Os ataques começaram quando fui apresentada a uns pentes estranhos, incrivelmente frágeis, de dentes finos, logo quebrados entre as minhas madeixas acinzentadas [...] pela primeira vez ouço a expressão cabelo “ruim”. [...] Pela primeira vez foram violentadas as minhas raízes, sentir muita dor e fiquei frágil, mas adquiri também uma estranha capacidade de regeneração e de ter idéias próprias. Eu sabia que não era igual às outras crianças e que não podia ser tratada da mesma forma. Mas como dizer

isso aos outros? Minha mãe me amava muito, é verdade, mas não percebia como lidar com as nossas diferenças (SOBRAL, 2011, p. 13-14).

Ao contrário de *Dara*, em um primeiro momento, a protagonista em *Pixaim* (SOBRAL, 2011, p. 13-14) gosta das madeixas crespas e tenta, ao máximo, preservá-las. Por conta disso, é incompreendida, passando às constantes violências verbais, além de físicas, sendo estas últimas praticadas pela própria mãe, na tentativa de enquadrá-la ao padrão socialmente branco.

Em um momento das reminiscências, a protagonista chega a afirmar que “O negro sempre foi para ela o desconhecido, a fantasia. O desejo”. Ao avaliar o passado, as imposições maternas, a submissão e, também, as subversões, a narradora-personagem afirma: “Foi a partir do meu pixaim que percebi todo um conjunto de posturas que apontavam para a necessidade que a sociedade tinha de me enquadrar num padrão de beleza, de pensamento e opção de vida” (SOBRAL, 2011, p. p. 14).

Em se tratando dos sentidos atribuídos ao que é “bom” ou “ruim”, Nietzsche (2009), em sua *Genealogia da moral*, faz menção a alguns tópicos das origens dos valores morais, considerando que a inversão de tais valores em determinadas sociedades resultou das influências que se prendem com violência. Por tanto, questiona, afinal, *o que é o bom?* Essa é uma questão que precisamos fazer, sem desconsiderar as relações de poder instituídas em determinados contextos sociais e engendradas, também, na *ordem do discurso*, conforme problematizado por Foucault (2006).

Em outras palavras, pretendemos endossar que, ao se qualificar e se distinguir algo como *bom/belo* ou *ruim/feio*, no bojo desses valores re/construídos socialmente, estão imbricadas as *vontades de verdade*⁸ dos grupos hegemônicos. Em relação ao segmento étnico-racial negro, não tem sido diferente; afinal, desde cedo aprendemos a vislumbrar nossas faces desqualificadas, colocadas aquém ao legado ocidental. Logo, quebrar esse circula vicioso, conforme podemos observar por meio das contundentes reflexões Frantz Fanon (2008), em seu intitulado livro *Pele negra, máscaras brancas*, é um desafio constante. Até porque, isso requer uma desintoxicação antirracista. Desintoxicação essa que, a nosso ver, implica a ação crítica de, simbolicamente, estilhaçar as máscaras brancas que, outrora, atrofiavam nossa memória face às raízes africanas.

⁸ Foucault (2006).

No tocante à personagem *Dara*, por exemplo, cabe questionar, o que a leva a acreditar que o seu cabelo é *ruim*? O que é um cabelo bom? Sabemos que as coisas são nomeadas, e o nomear parte de intenções. Interessa, assim, compreender as intenções ideológicas erigidas diante das qualificações, sendo que essas tendem a afetar principalmente as crianças e/ou jovens, conforme acontece com a personagem do conto *Pixaim* e, antes, com *Dara*, além de a pequena *Iansã*, nossa protagonista inicial, extraída dos desvãos da memória.

No caso de *Dara e Pixaim*, ambas as personagens abrem margens para refletirmos acerca de certas visões disseminadas socialmente. Visões essas que podem contribuir para a (de) formação identitária do sujeito.

As personagens relatam os processos de aquisição da sua identidade racial, de negação/valorização de uma das características fenotípicas negra: o cabelo, focado como referencial de conscientização/aceitação identitária. Assim, seguimos a direção do pensamento de Florentina Souza (2005, p. 196), quando ela salienta que, em tais *Cadernos*, “Os traços físicos e culturais, antes rejeitados e recalcados por serem considerados desprovidos de beleza, ganham outro sentido e passam a ser assumido como marcas identitárias.”, afinal,

A apreciação dos cabelos crespos, da cor de pele e das religiões e a narração de acontecimentos históricos sob a perspectiva da tradição afro-brasileira serão considerados meios de consolidação da identidade étnica que ressignifica a tradição e seus paradigmas. O trançado dos cabelos será apresentado também como ponto de partida para o traçado de um discurso de inserção do grupo na construção de uma identidade nacional heterogênea, constituída também de evocações de uma história, de uma sensibilidade africana que se fixa em outro território (SOUZA, 2005, p. 196.).

Neusa Santos, em *Torna-se negro* (1983), a partir da sua pesquisa no campo da psicanálise, detém-se sob o delicado processo de constituição identitária negra, haja vista a rejeição social e, em consequência, a auto rejeição, culminando com danos psíquicos, os quais podem resultar o repúdio pelo próprio corpo e pelos aspectos físicos, tais quais, os cabelos, o nariz e demais traços diacríticos. Diante disso, a referida pesquisadora ressalta ser preciso pensar formas e usá-los como ferramentas de afirmação existencial, e de marcação do lugar do negro.

Nilma Lino Gomes (2008), por sua vez, não destoa das ideias enredadas por Santos, embora as erigindo a partir do campo da Antropologia. Em termos de aproximações, destacamos o fato de ambas as estudiosas problematizarem as complexas relações étnico-raciais em nosso país. Gomes (2008, p. 21), por exemplo, chega a salientar que “No Brasil, a construção da(s) identidade(s) negra(s) passa por processos complexos e tensos”. Dessas complexidades e tensões resultam imposições de um “padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil,

esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço”. No que tange ao cabelo e ao corpo negro, a pesquisadora pontua que

[...] Cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil, juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra (GOMES, 2008, p. 20.).

A associação do cabelo crespo a algo “ruim” faz parte do imaginário que inferioriza a condição do *ser negro*. Para Nilma Lino Gomes (2008), portanto, o fato de “o cabelo do negro” ser associado a algo “ruim” evidencia que se trata de “uma expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito”. Por outro lado, conceber o “cabelo do negro como ‘ruim’ e do branco como ‘bom’” não é algo dado, mas, sim, re/construído historicamente.

O *preconceito*, ideia preconcebida, prévia, e o *racismo*, enquanto reconstrução histórica pautado na pretensa superioridade de um determinado segmento étnico-racial (branco) em detrimento dos demais (negros, por exemplo), estão imbrincados às situações de *discriminação racial*; isto é, a ação de preferir, de excluir uma pessoa ou grupos, por conta dos traços diacríticos, como explica Carlos Moore (2008), é uma doença social antiga e cara à sociedade como um todo. Prevalece, nesse círculo vicioso, uma das suas armadilhas, no Brasil: o silêncio conivente com tais acepções a ações. A esse respeito Nilma Lino Gomes (2008, p. 11) ressalta que,

[...] O silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação raciais nas diversas instituições educacionais [...] contribuiu para que as diferenças de fenótipo entre negros e brancos sejam entendidas como desigualdades naturais. Mas do que isso, re-produzem ou constroem os negros como sinônimo de seres inferiores.

O “silêncio” pode ser quebrado, de certa forma, por meio da linguagem literária e, a nosso ver, os *Cadernos Negros* configuram-se enquanto importantes textualidades favoráveis à inserção das diferenças étnico-raciais. Recorrendo-se a essas textualidades, pode-se viabilizar a sensibilização dos leitores, ao estabelecer diálogos entre as questões que afligem as personagens e as suas vivências.

Respondendo à questão colocada inicialmente, sobre a afirmação e/ou negação identitária negra, compreendemos que a protagonista *Dara* (ELIZANDRA, 2007) e em a narrativa *Pixaim* (SOBRAL, 2011), apenas enfocadas nas presentes reflexões, são poéticas da resistência que podem, a nosso ver, suscitar ricas reflexões no tocante às complexas relações étnico-

raciais. Tais textos favorecem a afirmação identitária relegada às margens e, por sua vez, rasuram as máscaras brancas impostas às nossas faces.

Conclusão

As identidades, reiteramos, são construídas a partir das relações sociais (família, escola, espaços religiosos, trabalho etc.), cultural e histórico, sendo assim, não é algo inato, pronto mas, sim, re/construído (HALL, 2005), posto ser resultante das referências e relações sociais, e implicando interações, semelhanças e diferenças. É um processo transitório, visto que o sujeito pode modificar seus comportamentos, sentimentos, modos de se ver, de se identificar, reconhecer.

No que tange às identidades negras, não há uma, mas, sim, diversas, mediante os papéis sociais que ocupamos e as interações no âmbito das sociedades⁹, daí termos pautado nossas acepções em Hall (2003), sobretudo. Logo, reiteramos, se as identidades negras são (re)construídas nas relações sociais, se vivemos em uma sociedade racista, arraigada em padrões brancos, urge a necessidade de efetivarmos os deslocamentos de sentidos, ampliando o nosso olhar face às diferenças.

Os *Cadernos Negros*, objeto de nossas reflexões, delineiam personagens que passam por complexos processos de negação e/ou submissão diante da imposição brancocêntrica. Mas, não só, também se trazem à tona a subversão e a consequente afirmação identitária, como acontece com *Dara*, em *Afagos*, da escritora Elizandra (2007) e *Pixaim*, da autoria de Cristiane Sobral (2011).

Enfim, através dos dois contos aqui enfocados, esperamos contribuir para endossar a relevância social dessas poéticas da resistência. Os contos que foram objeto de breves reflexões requerem análises mais aprofundadas, o que fizemos em outra ocasião¹⁰. Nosso intento por hora foi, apenas, tomá-los como ponto de partida para possíveis imersões por parte dos (as) leitores (as) salientando, desde já, que a temática da resistência, da negação e/ou da afirmação

⁹ Embora, aqui, tenhamos utilizado tal termo no singular, nossas reflexões evidenciam se tratar de identidades, no sentido amplo e adverso.

¹⁰ E não efetivamos a análise, de fato, das aludidas narrativas aqui. Isso é feito com amplos exemplos e reflexões na Dissertação de Mestrado (OLIVEIRA, 2014).

identitária negra perpassam por diversos textos dos *Cadernos*¹¹. Abrangem-se, dentre as variadas temáticas, os cabelos crespos enquanto símbolo identitário de crianças, jovens e mulheres em distintos espaços: a escola, a família e o ambiente profissional. Trata-se, portanto, de textualidades abertas à nossa imersão e às reflexões no tocante à linguagem (literária), às complexas relações étnico-raciais.

Referências

- ALVES, Miriam; XAVIER, Arnaldo; CUTI [Luiz Silva] (Org.). *Criação crioula, nu elefante branco*. São Paulo: IMESP, 1987, p. 83.
- CADERNOS NEGROS 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14: São Paulo: Ed. dos Autores; 1978, 1979, 1981, 1983, 1985, 1987, 1989, 1991.
- CADERNOS NEGROS N. 1*. São Paulo, 1978, ed dos autores.
- COSTA, Aline. *30 anos de leitura*. In: RIBEIRO, Esmeralda, BARBOSA, Márcio. (Org.). *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*. São Paulo: Quilombhoje: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2008, p. 19-39.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: Como resolver a polêmica? In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 11-38.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. SOVIK (Org.). Belo horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.
- MOORE, Carlos. *Racismo & sociedade*. Belo Horizonte: Mazza, 2008.

¹¹ Veja-se, por exemplo, em pesquisas da área, a exemplo de uma das pioneiras da área: Florentina Souza (2005).

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Bárbara Maria de Jesus. *Cadernos Negros (contos): fortalecendo negras raízes?* Dissertação. 2014. (Mestrado em Letras). Departamento de Educação da UNEB.

SOBRAL, Cristiane. *Pixaim*. In: RIBEIRO, Esmeralda, BARBOSA, Márcio (Org.). *Cadernos Negros 24: Contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2011, p. 13-17.

SOUZA, Elizandra. *Afagos*. In: *Cadernos Negros 30: Contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2007, p. 75-81.

SOUZA, Florentina Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Recebido em 1 de agosto de 2015.

Aceito em 17 de setembro de 2015.

